

Escutando a comunidade: em discussão a extensão junto a camadas populares

Alcenir Soares dos Reis¹
Marlene Edite Pereira de Rezende²

“Carro é importante para estimular a leitura, muda a cabeça das pessoas, faz com que elas entendam aquilo que elas não sabiam ou não queriam entender, principalmente a leitura subversiva”. (leitora de Sarzedo)

Apresenta os resultados da pesquisa realizada após a interrupção dos serviços do Carro-Biblioteca da UFMG, em decorrência da greve dos servidores em 1991. Faz uma reflexão teórica sobre extensão/comunicação, ação cultural, informação, educação-cidadania, como pressupostos para uma ação extencionista transformadora. Propõe sugestões de ação universidade/ comunidade a partir dos dados coletados.

INTRODUÇÃO

A intenção de desenvolver a presente pesquisa surgiu em 1991, quando da paralisação da UFMG em decorrência da greve que durou 78 dias, provocando a interrupção das visitas às comunidades visitadas pelo carro-biblioteca. A implementação da pesquisa ocorreu imediatamente no retorno das atividades do carro-biblioteca e se fez baseada em questionamentos e indagações relacionados aos efeitos da paralisação, destacando-se os seguintes:

-ausência de delineamentos claros quanto a forma de proceder dos diferentes programas de extensão da UFMG, sugeridos pela coordenação dos programas ou pelo comando de greve;

¹ Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

² Bibliotecária responsável pela supervisão do programa carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG

-procedimentos diferenciados aplicados aos programas que contavam com contrapartida financeira, que, na sua maioria, não paralisaram.

A pesquisa se efetivou de acordo com os seguintes objetivos:

- 1) detectar, do ponto de vista da comunidade usuária, as conseqüências da interrupção dos serviços do carro-biblioteca;
- 2) apreender o sentimento dos usuários frente à ausência do carro;
- 3) identificar as alternativas utilizadas pela comunidade para fazer face à interrupção dos serviços;
- 4) informar e divulgar os resultados da pesquisa na Universidade e na comunidade;
- 5) indicar, com base nos resultados, propostas de ação conjunta universidade/comunidade;
- 6) discutir os resultados obtidos tendo como subsídios os elementos teóricos relativos à extensão, ação cultural, informação, educação-cidadania.

Elementos teóricos: a dimensão problematizadora

a) Extensão/comunicação

Tendo em vista que o presente trabalho deve ser entendido no entrecruzamento das questões relacionadas à extensão, ao papel da ação cultural e à efetividade da relação informação, educação e cidadania, como elementos importantes no contexto de vida das classes populares, consideramos necessário sistematizar a presente discussão, visando a utilizá-la como subsídio ao entendimento e à análise dos dados da pesquisa.

De acordo com a literatura, a questão da extensão guarda uma série de ambigüidades e contradições, haja vista que de forma geral a mesma termina atuando de uma perspectiva assistencialista, servindo ao processo de manutenção da ordem social, legitimando-a. Entretanto, no

âmbito deste trabalho, a extensão está sendo considerada sob a ótica problematizadora proposta por FREIRE (1980) em termos da contraposição extensão-comunicação. Assim, a fim de entender as restrições do autor ao termo extensão, torna-se importante analisar a explicitação dada por ele ao mesmo:

"...Na medida em que, no termo extensão está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta, nele, uma conotação indiscutivelmente mecanicista. Mas, como este algo que está sendo levado, transmitido, transferido (para ser em última instância, depositado em alguém - que são os camponeses) é um conjunto de procedimentos técnicos que implicam em conhecimento, que são conhecimentos, se impõem as perguntas: será o ato de conhecer aquele através do qual um sujeito transformado em objeto recebe pacientemente um conteúdo de outro? Pode este conteúdo, que é conhecimento de ser "tratado" como se fosse algo estático? Estará ou não submetendo o conhecimento a condicionamentos histórico-sociológicos?

[...] o primeiro equívoco gnosiológico da extensão está em que, se há algo dinâmico na prática sugerida por tal conceito, este algo se reduz à pura ação de estender (o estender em si mesmo) em que, porém, o conteúdo estendido se torna estático. Desta forma, o sujeito que estende é, enquanto ator, ativo, em face de "espectadores" em quem deposita o conteúdo que estende. (10:26)

Em decorrência de tais críticas, evidencia-se que o caráter mecanicista da extensão retira dos indivíduos a capacidade de atuarem enquanto sujeitos e os transforma em objetos de ação de outros que, bem intencionados ou não, atuam retardando o processo de crítica e transformação social. Por outro lado, em termos educativos, a interação estabelecida nos moldes extensionistas, criticado pelo autor, trabalha numa "concepção bancária de educação"³, acreditando que o acúmulo

³ "concepção bancária de educação" - visão sob a qual a "educação passa a ser o "ato de depositar" no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. [...] É a concepção "acumulativa" da educação (concepção bancária)". [...] Nela o conhecimento é dom concedido por aqueles que se consideram seus possuidores àqueles que consideram que nada sabem.

de depósitos de conhecimento é o caminho através do qual poder-se-á efetivar a aprendizagem. As críticas a tal concepção educativa vêm desnudando o seu caráter de manutenção do *status quo* e evidenciando sua função de classe, à medida que retira das camadas populares a oportunidade de repensarem criticamente a realidade para transformá-la.

Concretamente, a extensão, pensada enquanto ação educativa, só pode ser compreendida nos seguintes termos:

"... o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica das relações". (10:36)

Desta forma, torna-se evidente que a mesma implica uma relação de reciprocidade entre os atores envolvidos, não havendo então passividade em nenhum dos polos da relação. Com base, portanto, nestes questionamentos explicita-se a importância da contraposição extensão-comunicação, indicando-se que para a emergência e constituição de sujeitos históricos torna-se necessário a quebra das relações autoritárias e a instituição de interações dialógicas, cuja ênfase não é na domesticação dos homens, mas nas relações igualitárias entre eles.

Nessa perspectiva, se a extensão se efetiva de forma mecanicista, o que aí ocorre são comunicados e não comunicação. Fundamentalmente, a ocorrência da comunicação tem como base os seguintes elementos:

- a exigência de "um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos"(10:66);
- a base da relação estrutura-se, negando-se a passividade dos atores, à medida que "a comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida"(10:67);
- a necessidade de os sujeitos em relação estabelecerem um acordo em termos do "significado", objeto da comunicação.

O autor aponta ainda a problematização da extensão e da concepção de educação a ela subjacente, defendendo para o homem a posição de sujeito e não de arquivador do conhecimento. Sob essa ótica, enfatiza:

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados”. (10:69)

Em síntese, é possível inferir que o termo extensão, com a conotação dominante a ele vinculado requer crítica e ação constantes por parte daqueles que têm, como base do seu trabalho, atividades de extensão, haja vista a necessidade de exercerem vigilância e atuarem orientados pelos seguintes parâmetros:

- o trabalho da extensão se fundamenta na comunicação;
- a interação ocorre entre sujeitos históricos, enquanto seres de relação;
- o processo educativo fundamenta-se numa relação dialógica, negando a concepção vigente de transmissão ou extensão.

b) Ação cultural bibliotecária

Ao se discutir a atuação bibliotecária, encontram-se também em confronto duas perspectivas relativas à mesma, ou seja, a ótica da “animação cultural” e a da “ação cultural”. Do ponto de vista da animação cultural, sua formulação advém de uma perspectiva que crê que a mudança quanto à concepção de biblioteca e de seus profissionais se alteraria à medida que ela se tornasse uma instituição com maior dinamismo e envolvimento com o público. Assim, ao se trabalhar essa dimensão, ela se constituiria em “isca” e elemento motivador, atraindo crianças, jovens e adultos, conscientizando-os no que se refere às possibilidades de leitura e informação. Entretanto, questionamentos são efetivados em relação à mesma, uma vez que, conforme aponta ALMEIDA (01:32), “a animação não se constitui em profissão mas como dimensão de um grande número de profissões”. Por outro lado, vale destacar que, tendo como norteadora a dimensão da transformação social, torna-se importante o papel do agente cultural, considerando-se que o mesmo se distingue do animador cultural em termos dos seguintes aspectos:

- a atuação do agente cultural implica, mais que animar, “agir sobre, transformar a partir da existência de uma intenção e de um alvo”; (01:33);
- a diferença de objetivos entre o animador cultural e o agente cultural, haja vista que o primeiro preocupa-se com o consumo, diferentemente do segundo, que busca propiciar a “expressão e a criatividade dos indivíduos no grupo e na comunidade” (01:33);
- a inexistência de limites no que se refere a conteúdos ou espaços; a realização se faz com o grupo, de forma que o mesmo também se constitua em agente do processo;
- a preocupação de que o grupo tenha acesso ao conteúdo que está sendo difundido, de forma que “a comunidade se aproprie da informação, encarada essa apropriação como o resultado de um processo dentro do ciclo informação-reflexão-expressão (ação-criação)” (01:34);
- a atuação no ambiente visa a dinamizá-lo, caso já preexista um trabalho comunitário; em locais em que não haja a organização da comunidade ou a mesma seja fraca, a atuação visa a quebra do isolamento e à articulação dos grupos.

Ressalta-se, entretanto, que para o exercício da atividade de agente cultural, torna-se necessário que o profissional seja flexível ao trabalho em equipe com grupos interdisciplinares, de forma que ocorra interação e integração entre os diferentes campos, tendo como cerne propostas e objetivos comuns.

Somando-se aos aspectos anteriormente apresentados, a posição de NOGUEIRA destaca também a questão do agente externo e sua atuação na comunidade. De acordo com a formulação da autora, compreende-se tal profissional sob o seguinte prisma: “...agente externo é visto enquanto sujeito não pertencente a determinada comunidade, o qual exerce alguma ação **para/na/com** essa comunidade”. (14:198). Assim, partindo-se da formulação do que seja agente externo, evidencia-

se que o papel do mesmo vincula-se a uma dimensão política, marcada pelas diferenças na maneira sob a qual a mesma se estabelece, ou seja, ela se faz para/na/com a comunidade.

Marcando essas distinções, a autora explicita que o agente externo, ao atuar *para* e/ou *na* comunidade, revela uma postura assistencialista, mantendo precipuamente relações de dominação. Conforme assinala, "é um formato de ação que ainda não promove a partilha do poder". (14:199) Por outro lado, se a atuação do agente externo é *com* a comunidade, efetiva-se através dela uma relação educadora, o que permite a agentes e comunidade colocarem-se como aprendizes, permitindo-lhes construir, juntos, uma posição crítica face ao mundo.

Dessa forma, torna-se importante ressaltar que os trabalhos junto às comunidades devem ser fundamentados sob a ótica de extensão como comunicação, e que o exercício dos profissionais deve ter como diretriz a ação *com*, de forma que se instaurem relações dialógicas e de não dominação.

c) Informação/educação/cidadania

As camadas populares são em geral desprivilegiadas em vários aspectos e, principalmente, em relação ao acesso à informação e à educação. No que se refere à informação, as precárias condições das bibliotecas, desestimulam seus usuários. Esse fato reflete no interesse pela leitura, pela frequência à biblioteca e impede que essa desempenhe sua real função, ou seja, a de democratizar a informação.

Como sugere SOUZA, "a informação é matéria prima fundamental da ação política e, portanto, do trabalho cotidiano dos movimentos populares" (17:64), particularmente quando se pretende que esses não se tornem passivos em relação ao processo de mudança social. Acrescenta ainda, "um movimento popular submetido à desinformação, desmobilizado pela inconsciência do real, deixa de ser protagonista de sua própria mudança e fica condenado ao papel que o enredo dominante lhe destina". Portanto,

"a democratização de nossas sociedades se constrói a partir da democratização das informações, do conhecimento, das mídias, da formulação e debate dos caminhos e dos processos de mudança. A democracia é que desenvolve o mundo, e ela se constrói com e através da comunicação". (17:66)

Já ARROYO (03:74) no texto em que discute a questão da construção da cidadania, afirma:

"a concepção de povo e de sua ação como sujeito político exige uma revisão profunda na relação tradicional entre educação, cidadania e participação política".

No seu entender, é fundamental captar se a cidadania se estrutura através de intervenções **externas**, de programas e agentes que a outorgam e preparam pessoas para o seu exercício, ou, ao contrário, a cidadania se constrói como um processo que se dá no **interior** da prática social e política das classes. Em seu estudo, ele ressalta ainda que "as lutas pela escola e pelo saber, tão legítimas e urgentes, vêm se constituindo num dos campos de avanço político significativo na história dos movimentos populares e na história da construção da cidadania. E conclui que por esse caminho pode-se aproximar de uma possível redefinição da relação entre cidadania e educação. E faz algumas considerações:

"Há relação entre ambos? Há e muita, no sentido de que a luta pela cidadania, pelo legítimo, pelos direitos, é o espaço pedagógico onde se dá o verdadeiro processo de formação e constituição do cidadão. A educação não é precondição da democracia e da participação, mas é parte, fruto e expressão do processo de sua constituição" (03:79)

Entretanto, se os aspectos acima descritos demonstram a problemática relacionada à ação, cujo compromisso se dá com as classes trabalhadoras, a esses se soma também a questão educacional, tendo em vista o seu caráter multiplicador no âmbito da sociedade brasileira.

Na verdade, o processo educativo carrega uma série de contradições, podendo-se destacar dentre essas as seguintes:

- educação distinta para ricos e pobres;
- concepção do aluno pobre como "carente, atrasado, doente, lento para aprendizagem, fraco, sem bagagem intelectual e sem herança cultural (02:30);
- culpabilidade da família e do estudante pelo fracasso da escola;
- escamoteamento de questões como repetência, evasão dentre outras, e a compreensão das mesmas como resultantes de uma educação de classe;
- papel muitas vezes acrítico dos profissionais, contribuindo com suas concepções teórico-pedagógicas para a manutenção do *status quo*.

Assim, se o espaço de atuação dos profissionais encontra-se permeado por tais contradições, parece importante que aqueles que militam na área de informação se orientem claramente quanto à opção política, garantindo que a extensão se traduza em comunicação e se exerça a posição de agente no âmbito da interrelação com a comunidade, contribuindo para a mudança social. Acredita-se que, assim atuando, poder-se-á romper com as limitações apontadas abaixo:

"O progresso da sociedade, que se dá através da democratização de todas as suas relações (sociais, econômicas, políticas e culturais) evidentemente passa pela liberdade da informação e ela não está democratizada nem no Primeiro nem no Terceiro Mundo". (17:66)

Orientações metodológicas

Os dados da pesquisa apresentados a seguir, foram obtidos no período de 12 a 13 de dezembro de 1991, após o encerramento do movimento grevista dos servidores da UFMG. Tendo em vista os objetivos da mesma, definiu-se por se coletarem os dados concomitantemente ao retorno do carro-biblioteca às comunidades, no intuito de captar, no "acontecido", a percepção dos usuários em relação aos fatos. Dessa forma, para melhor apreender as questões abordadas pelos usuários, procurou-se desenvolver o trabalho, norteando-se pelos elementos teóricos que fundamentam a proposta de pesquisa-ação, conforme sugerido por OLIVEIRA e OLIVEIRA (15:26). Concretamente a pesquisa-ação, como proposta político-pedagógica, busca realizar uma síntese entre o estudo dos processos de mudança social e o envolvimento do pesquisador na dinâmica desses processos. Nessa perspectiva, algumas etapas são significativas ao processo da pesquisa-ação, enfatizando-se as seguintes:

- inserção do pesquisador enquanto participante ativo do processo, o que significa atenuar a distância entre esse e o grupo;
- garantia de maior participação e inserção dos sujeitos à medida que se dá o compartilhar entre pesquisador-grupo em torno do tema da pesquisa;
- organização do material recolhido junto ao grupo;
- devolução sistemática ao grupo para discussão e ação.

Dessa forma, buscou-se captar através dos discursos, a nível individual ou em grupo, a real expressão dos sujeitos ou suas contradições face à temática pesquisada.

Vale ressaltar que precedentemente ao levantamento dos dados, discutiu-se a forma de obtenção dos mesmos, tendo-se definido pela utilização de questionário com questões abertas, buscando garantir que a expressão dos usuários pudesse ser explicitada. Entretanto, quando do pré-teste do instrumento, deparou-se com as seguintes dificuldades:

- a predominância de crianças e adolescentes entre os usuários;

- a exigência do domínio da leitura e da escrita por parte dos usuários para responder às perguntas formuladas;
- a dificuldade dos usuários no entendimento das questões propostas;
- o distanciamento, a aparente frieza e o aspecto mecânico do instrumento.

Em decorrência portanto das restrições interpostas pelo contexto da pesquisa, o grupo optou pela discussão dessas questões e de suas limitações, buscando visualizar alternativas metodológicas que permitissem a apreensão das informações em maior consonância com os sujeitos e o tema da pesquisa. Orientados por essas preocupações e desafiados por tais problemáticas, definiu-se portanto pela entrevista semi-estruturada, construída a partir de um fio condutor que possibilitasse aos entrevistados não só elaborar uma posição frente às proposições feitas, mas também as impressões, constatações e devaneios. Os elementos norteadores para condução da entrevista foram centrados em torno dos seguintes pontos:

- sentimento em relação ao retorno do carro;
- papel/importância do carro-biblioteca para a comunidade;
- ação mobilizadora da comunidade.

É importante esclarecer que a definição de tal estratégia visava a apreender o sentimento dos usuários em relação à interrupção dos serviços; acreditava-se ainda que o fato de os usuários se expressarem livremente abriria maiores oportunidades de explicarem suas contradições em relação aos aspectos pesquisados. Dessa forma, a realização da pesquisa pressupunha flexibilidade do pesquisador ao conduzi-la, desde que o mesmo considerasse, notadamente, com as crianças e adolescentes, os seguintes aspectos:

- uma maior aproximação entre os usuários e a equipe da pesquisa;
- o envolvimento efetivo dos usuários através de estratégias que os convidassem a co-participação tais como: discussão grupal,

entrevistas realizadas via microfone do carro-biblioteca e/ou entrevista na qual duas ou mais crianças se juntassem àquela que era a respondente, dando-lhe reforço e retaguarda.

Assim, definidos os parâmetros sobre os quais se faria a condução da pesquisa, a mesma se efetivou junto as comunidades de Barragem Santa Lúcia, Santa Luzia, Lindéia e Sarzedo. Tendo em vista que no período da pesquisa foram atendidos 635 usuários, desses foram entrevistados 76 (setenta e seis) o que correspondeu a 12% dos mesmos. Por outro lado, a opção de realizá-la em tempo delimitado resultava de uma preocupação em termos metodológicos, buscando-se garantir que a visão dos usuários não estivesse contaminada com a presença do carro-biblioteca enquanto elemento de rotina.

Os quadros 1 e 2, apresentam uma caracterização geral dos usuários atendidos pelo carro-biblioteca e entrevistados nas diferentes comunidades:

QUADRO 1

Distribuição dos usuários por comunidade, sexo e faixa etária.
Atendimento do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG no período de 12 a 13 de dezembro de 1991

Usuários			Sexo		Faixa Etária (anos)							
Comunidades	Atendido	Entrevistados	Fem	Ma	7 a 11	12 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40	acima de 40
Barragem Sta. Lúcia	103	22	14	8	9	10	-	-	2	1	-	-
Sarzedo	162	13	10	3	-	6	6	1	-	-	-	-
Lindéia	127	22	18	4	1	4	8	4	3	-	1	1
Sta. Luzia	243	19	17	2	2	6	5	-	2	3	-	1
TOTAL	635	76	59	17	12	26	19	5	7	4	1	2

QUADRO 2

Distribuição dos usuários entrevistados por comunidade e escolaridade.

Atendimento do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG no período de 12 a 13 de dezembro de 1991.

Usuários			Escolaridade			
Comunidade	Atendidos	Entrevistado	1a. a 4a.	6a. a 8a.	II grau	Superior
Barragem Sta. Lúcia	103	22	21(*)	1	-	-
Sarzedo	162	13	2	10	4	-
Lindéia	127	22	1	11	9	1
Sta. Luzia	243	19	3	10	6	-
TOTAL	635	76	27	32	19	1

NOTA: (*) 2 (dois) entrevistados são pré-escolares

Em síntese, a condução da pesquisa nos moldes explicitados, visava a captar as diferentes posições, tendo em vista a heterogeneidade do grupo, o que se constituía em dificuldade para a utilização de instrumentos mais fechados. Por outro lado, preocupava-se em discutir seus resultados face a uma reflexão do papel da extensão, tanto do ponto de vista das suas diferentes concepções dentro da Universidade, quanto dos elementos da comunidade, o que poderia resultar em ações transformadoras e em conseqüente avanço na relação comunidade/universidade.

A interrupção do serviço de extensão: em perspectiva a ótica das camadas populares

a) O processo de consolidação dos dados:

Considerando a necessidade de tratamento dos dados apreendidos, a operacionalização dos mesmos se deu através da seguinte dinâmica:

- leitura e releitura das diferentes respostas dos usuários, de forma a detectar o universo de suas colocações;
- utilização das categorias norteadoras e criação de sub-categorias teóricas que possibilitassem retratar as questões indicadas pelos usuários;
- “enquadramento” e incorporação nas diferentes categorias das falas dos sujeitos.

Orientados pelos elementos acima, efetivou-se o tratamento dos dados, colocando-se a formulação dos entrevistados em cada uma das categorias e em seus desdobramentos, conforme explicitado abaixo:

1 Retorno do carro-biblioteca:

- a) percepção quanto ao retorno do carro;
- b) sentimento em relação à ausência do carro;
- c) percepção quanto ao motivo da ausência do carro (visão individual e coletiva);
- d) problemas/dificuldades provocados pela ausência do carro (perspectiva pessoal);
- e) soluções encontradas para suprir a ausência do carro;
- f) material procurado (expressão do gosto dos leitores).

2 Papel/importância do carro na comunidade.

3 Ação mobilizadora da comunidade:

- a) formas de mobilização pensadas (âmbito individual);
- b) formas de mobilização pensadas (âmbito coletivo).

É oportuno ainda esclarecer, precedentemente à apresentação dos resultados, que os dados não são “puros” ou “neutros”, à medida que há sobre os mesmos a construção do pesquisador, sendo esses então recortados sob a influência do contexto de produção e pelas circunstâncias históricas de inserção dos sujeitos.

b) Apresentação e sistematização dos resultados

Considerando o significado e a importância dos dados obtidos, apresenta-se a seguir as resultantes da pesquisa, a fim de que se construa um quadro geral sobre os fatos apreendidos.

1 Retorno do carro-biblioteca

No que se refere à categoria “retorno do carro”, buscou-se investigar de forma abrangente como tal fato se colocava na vivência dos usuários. Dentro dessa ótica estão incluídas as seguintes falas relativas à volta do carro, bem como as relativas à percepção dos mesmos no que se refere aos motivos de ausência do carro-biblioteca;

“A melhor coisa que poderia ter acontecido, é muito ruim ficar sem os livros” (Lindéia)

“Gostei do carro ter voltado: Hoje é a segunda vez que venho, os meninos é que vinham antes de mim, eles me despertaram” (Santa Luzia)

No que se refere à ausência do carro, a mesma pode ser identificada pelas seguintes opiniões:

“Espero que isto não aconteça mais, mesmo que os funcionários entrem em greve, espero que o carro não deixe de vir” (Lindéia)

“Chateada porque venho a pé, sol quente, do Bairro Brasília e a gente sempre perdia a caminhada” (Sarzedo)

“Para mim foi muito ruim. A gente aprende muito mais aqui. Na escola a gente lê por obrigação. Aqui não. A gente é incentivado a ler, a gente aprende a gostar de ler. Por isso a volta é sensacional” (Santa Luzia)

Com relação aos motivos da ausência do carro, os usuários exprimem-se da seguinte forma:

"Sabia da greve e por isso o carro não vinha, não senti prejudicada, achava a greve justa. Tinha em mãos um livro da Zélia Gattai e cheguei a escrever para ela." (Sarzedo)

"A greve é um direito. Para conseguirmos as coisas é preciso fazer greve. A gente respeita isso. Mas seria muito bom se ele viesse, pelo menos de quinze em quinze dias" (Lindéia)

"Pensei que a Universidade tinha proibido a vinda do carro" (Lindéia)

Em relação às dificuldades e aos problemas enfrentados pelos usuários em virtude da ausência do carro aparecem algumas opiniões que a traduzem de uma perspectiva pessoal ou sob a ótica coletiva:

"Professora adiou o trabalho para esperar até que o carro retornasse e as meninas pudessem pegar" (Sarzedo)

"Eu sou modista. As revistas de moda são muito boas. Durante este tempo, tive que comprar as revistas. A vinda do carro é boa porque é uma economia para mim" (Lindéia)

De acordo com os esclarecimento dos usuários foram diversas as soluções encontradas para suprir a ausência do carro. Suas falas indicam:

"Li um único livro - Confissões de um vira-lata. Escrevi outra estória em cima do texto" (Barragem Santa Lúcia)

"Pegava emprestado com o vizinho ou relia livros antigos" (Lindéia)

Quanto aos diferentes tipos de leitura, revelados pelo material procurado no carro, há as seguintes indicações por parte dos usuários:

"Gosto de ficção e literatura de guerra. Não gosto muito de literatura. Tem livros que tem fins idiotas. Muitas vezes, literatura ensina, mas não distrai. Eu gosto é de algo que me distrai" (Lindéia)

"A gente tem que ler. Revistinha faz a gente rir. O que o carro traz de bom para nós são os livros e as revistinhas" (Barragem Santa Lúcia)

"Gosto mais de ler revistas."(Lindéia)

2 Papel/importância do carro na comunidade

Buscando apreender a importância atribuída ao carro pelas comunidades, foram selecionadas as seguintes falas:

"Importante demais, as mães não têm condições de comprar livros e com o carro, toda semana, as crianças têm oportunidade de conhecer novas histórias" (Barragem Santa Lúcia)

"Com o carro a gente pode ter livros, ficar atualizadas com as revistas de música, nós gostamos muito de música e não temos dinheiro para comprar essas revistas"(Sarzedo)

"Carro é importante para estimular a leitura, muda a cabeça das pessoas, faz com que elas entendam aquilo que elas não sabiam ou não queriam entender, principalmente a leitura subversiva" (Sarzedo)

"Pensei: esse povo não podia ter feito isso com a gente, eu doida para ler, sem livro, sem dinheiro, biblioteca comunitária de férias, horrível. Carro traz divertimento, cultura, livro é cultura, e de graça" (Lindéia)

No que se refere ao significado do livro e da leitura, as falas dos usuários apontam:

"Gosto de ler. Ler é mania, é vício. Quando o livro é bom, a gente não vê o tempo passar" (Lindéia)

"A gente se identifica com os livros e os personagens. Ele desperta o interesse em toda a família: pai, mãe, filhos" (Lindéia)

"Livro é bom para a mente, principalmente quando a gente tá com problemas" (Santa Luzia)

3 Ação mobilizadora da comunidade

Buscando detectar as providências que as comunidades visualizavam para propiciar o retorno do carro-biblioteca, procurou-se identificar as propostas relativas a tal fato. Assim:

"Eu e meus amigos fizemos uma reunião. Pensamos em convocar vocês para uma reunião. Tentar saber porque o carro não vinha" (Sarzedo)

"Pensei em pedir para a professora tentar telefonar para a Escola e trazer o carro de volta" (Barragem Santa Lúcia)

Entretanto, apesar de os usuários terem demonstrado o desejo de promover o retorno do carro, algumas dificuldades foram impeditivas de tal ação. As colocações nesse sentido estão explicitadas a seguir:

"Pensei em telefonar para a Escola e pedir para o carro voltar, mas não sabia o telefone nem o endereço."(Barragem Santa Lúcia)

"Minha idéia era de procurá-los, para saber porque não estavam vindo, mas eu nem sabia onde era." (Sarzedo)

Representando uma perspectiva política em relação à atuação da comunidade, identificaram-se as seguintes falas:

"Unindo-se todos é possível. Se houver outra greve, fazer manifestação" (Barragem Santa Lúcia)

"Se a comunidade se reunisse, a gente poderia trazer o carro de volta. Quando unimos, a gente fica mais forte. Se ele demorasse mais um pouco a gente teria que se reunir para fazer alguma coisa" (Lindéia)

"Eu acho que o governo poderia olhar mais. É difícil a comunidade fazer alguma coisa" (Santa Luzia).

Conclusões provisórias : os desafios interpostos pela pesquisa

Tendo como elemento subsidiador o referencial teórico e os objetivos norteadores da pesquisa, a análise dos resultados busca apresentá-los

de forma que se efetive a intermediação entre contexto teórico e a realidade apreendida. Dessa forma, a leitura dos dados se faz em dois momentos. No primeiro, são apresentados sob uma perspectiva global os elementos advindos da análise dos dados; no segundo momento busca-se discutir as contradições que daí emergem, tanto em termos da prática quanto da dimensão teórica.

Visualizando os dados sob uma perspectiva global, ganham dimensão importante os serviços do carro-biblioteca no âmbito das comunidades atendidas, destacando-se algumas observações:

- solucionam problemas concretos na esfera educacional, viabilizando o atendimento a exigências escolares;
- representam fator de economia à medida que as informações disponíveis facilitam tanto a nível escolar quanto no plano da atuação profissional;
- facilitam a constituição de sujeitos leitores em decorrência da inexistência de cobranças nos moldes escolares, acrescido a este fato a livre opção de leitura e de escolha do material;
- possibilitam perceber a atribuição por parte dos usuários para as diferentes funções da leitura, destacando-se dentre essas a de formação de consciência, "vício", prazer, etc.;
- propiciam, via leitura, a fantasia e a fuga à realidade concreta, pela possibilidade de "viajar" nos textos;
- representam opção de lazer, haja vista as dificuldades de acesso a outras alternativas disponíveis socialmente.

Se os fatos acima referidos permitem a visualização de uma perspectiva abrangente dos dados, outros elementos se destacam, notadamente quanto à questão da suspensão dos serviços, bem como em relação à atuação dos membros das comunidades enquanto cidadãos. Tais questões revelam as ambigüidades e contradições, tornando explícitos os seguintes pontos:

- desejo de conciliar aspectos inconciliáveis, ou seja, respeitar a posição dos grevistas, sem no entanto haver alteração no atendimento dos serviços;
- relacionamento da existência dos serviços nas comunidades como generosidade, e/ou doação do Estado;
- posição acrítica na reivindicação dos seus direitos de cidadão.

Fundamentados nos dados acima discutidos tornam-se visíveis os elementos contraditórios que perpassam os entrevistados da pesquisa. Dessa forma, a análise revela uma percepção por parte desses, predominantemente passiva da realidade, à medida que regra geral, não se percebem como cidadãos, detentores de direitos, revelando em suas falas uma certa crença de que a presença do carro constitui *benesse* do Estado. Por outro lado, é possível detectar uma postura de anomia, o que os leva a não se perceberem enquanto sujeitos históricos, capazes de alterar a ordem instituída. Complementando essa discussão, destacam-se ainda as contradições de ordem institucional e dos sujeitos, usuários do carro-biblioteca, revelados através dos seguintes aspectos:

- uma atuação aparentemente passiva dos usuários em relação às demandas e articulações para a consecução de seus interesses;
- certa ambigüidade de posições, havendo posturas favoráveis à utilização da greve como instrumento de pressão mas transferindo para o Estado a responsabilidade de indicar alternativas e soluções;
- uma relativa falta de elementos de identificação do carro-biblioteca em termos do endereço e de pessoal a ser acessado em caso de necessidade, o que se constituiu em elemento restritivo para o estabelecimento de contatos com a equipe quando da paralisação dos serviços;
- a questão a ser claramente enfrentada, ou seja, a necessidade de incorporar maior politização na atuação do carro-biblioteca.

Acrescentando-se a análise antecedente, vale indicar as soluções articuladas pelas comunidades para suprir a ausência do carro-biblioteca, havendo os usuários efetivado "releitura" de livros, empréstimos de material de leitura obtido junto a vizinhos, correspondência com escritor, dentre outras.

Quanto à divulgação dos resultados junto às comunidades e a nível institucional, paralelamente a elaboração de proposta de ação conjunta, os desdobramentos se fizeram da seguinte forma:

- divulgação através do **Boletim da UFMG**⁴, de matéria relativa à pesquisa, na qual se destacava a importância do trabalho junto às comunidades, bem como as limitações e problemas advindos com a ausência do carro-biblioteca;
- retorno das informações e distribuição de 500 desses boletins às comunidades pesquisadas, de forma que as mesmas tomassem conhecimento dos resultados;
- discussão e apresentação a nível da Escola de Biblioteconomia dos dados obtidos, o que possibilitou a utilização dos mesmos como elemento reorientador para ação; dentre essas destacam-se a divulgação do endereço da Instituição em um "folder" relativo ao carro, visando a sanar algumas dificuldades citadas.

Essas estratégias mostraram-se importantes, haja vista que a compreensão do que seja a universidade não se encontra presente no cotidiano e no universo das classes populares. Vale esclarecer também que a decisão de discutir as questões relativas à prestação de serviços de extensão, no contexto de greve, objetivava trazer, para a esfera política do movimento a questão da dupla discriminação a que as comunidades são submetidas, dada a sua posição na pirâmide social e de serem elas as primeiras penalizadas através da paralisação dos serviços. Contudo, a dinâmica histórica naquele momento conduziu o movimento grevista a situações de impasse, gerando um esvaziamento da luta e a busca de outras saídas, razão pela qual os dados obtidos tiveram seu impacto diminuído no âmbito da instituição.

⁴ **Boletim da UFMG**, n.891, 25/10/91

No que se refere às questões teóricas discutidas, os dados indicam a necessidade de se repensarem as práticas dos programas de extensão, com vistas a garantir uma atuação com maior nível de politização e questionamento, buscando construir, junto com as comunidades, alternativas de ação reivindicadoras. Por outro lado, é possível aventar que a carga de assistencialismo vinculada à extensão serve para justificar o corte de atendimento às comunidades da periferia, uma vez que, sendo o ato de doação opcional, são esses programas os primeiros a serem atingidos em suas atividades quando dos movimentos de paralisação.

Em síntese, apesar das contradições identificadas, torna-se possível inferir que a atuação do carro-biblioteca vem regra geral, atendendo os objetivos propostos a nível da extensão. Sob essa perspectiva, o carro busca viabilizá-los através de mecanismos que facilitem o acesso à informação, pela disponibilidade do acervo aos usuários das diferentes comunidades, facilitando também o estímulo e o desenvolvimento do gosto pela leitura e as atividades de ação cultural. A esses acrescenta-se também o espaço de pesquisa e de reflexão teórica, constituindo-se em campo de estudos para docentes, alunos de graduação e pós-graduação. Tais resultantes evidenciam assim que a pesquisa representa a oportunidade de repensar criticamente as atividades, desvelando o real.

Agradecimentos

À Flávio de Almeida e Dulcemar Jaqueline, à época, alunos do Curso de Comunicação Social e estagiários da Coordenadoria de Comunicação Social da UFMG, que participaram da pesquisa.

Listening the community: discussion about extension services to poor communities.

Presents the results of a research made after the interruption of the Universidade Federal de Minas Gerais's bookmobile services, due to the employee's strike in 1991. Studies the theory that supports extension/communication, cultural action, information, education/citizenship understood as bases of extension actions. Suggests actions that should be implemented based on the data collected.

BIBLIOGRAFIA

- 1 ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **R. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v.20, n.1/4, p.31-38, jan./dez. 1987.
- 2 ARROYO, Miguel G. A escola possível é possível. In: ———. (Org). **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1986. cap.I, p.11-53.
- 3 ———. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel, NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991. p.31-79.
- 4 BREGLIA, Vera Lúcia Alves, GUSMÃO, Heloisa. Informação como fator de democratização. **R.Bibliotecon.Brasilia**, v.14, n.1, p. 9-25, jan./jun. 1986.
- 5 CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural bibliotecária: aspectos revelados pela prática**. Belo Horizonte, UFMG, 1989. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia da UFMG.
- 6 ———. & DUMONT, Lígia Maria Moreira. O Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma trajetória voltada para o social. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n. especial, p.114-120, mar. 1990.
- 7 CARDOSO, Ana Maria Pereira. **Processo de construção da cidadania: um desafio à universidade**. [s.n.t.]
- 8 FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 9 ———. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- 10 ———. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 11 ———. O compromisso popular da Universidade. **R. Ângulo**, Lorena, n.62, p.1, mar./jun. 1995.

- 12 GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez; Autores Associados; Universidade Federal do Ceará, 1986.
- 13 MEDEIROS, Lígia de. A criança da favela e sua visão de mundo-uma contribuição para o repensar da escola. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n.5, p.3-9, jul. 1987.
- 14 NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Agente externo - sujeito (pré)posicionado. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.197-202, jul./dez. 1994.
- 15 OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 16 SANTOS, Oder José dos. A questão da produção e distribuição do conhecimento. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n.2, p.4-7, dez. 1985.
- 17 SOUZA, Herbert de. A estratégia da informação. **R. Educação AEC**, Brasília, ano 20, n.79, p.63-66, abr./jun. 1991.